

OS INCENTIVOS E AS EXPECTATIVAS DAS ESCOLAS EM RELAÇÃO À PARTICIPAÇÃO DOS SEUS ALUNOS NOS JOGOS ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO (JOGUEM) DA UNIVATES/LAJEADO/RS/BRA

Derli Juliano Neuenfeldt¹, Ana Júlia Pereira Duarte² e Patrícia Kempfer²

RESUMO: Esta pesquisa qualitativa caracteriza-se como estudo de casos que analisou os incentivos e expectativas de duas escolas, uma pública (A) e outra privada (B), em relação à participação dos seus alunos no JOGUEM. As informações foram obtidas em entrevistas semi-estruturadas realizadas com equipes diretivas, professores de educação física e alunos das duas escolas e em reportagens jornalísticas e documentos que regem a competição. Ambas escolas vêem neste evento oportunidade para a socialização e esperam que os alunos as representem bem, ou seja, tenham boa conduta (disciplina), valorizando-se mais a participação do que a vitória nos jogos.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Escolares; Competição; Escola; Educação Física.

THE INCENTIVES AND EXPECTANCIES OF SCHOOLS WITH REGARD TO THE PARTICIPATION OF THEIR STUDENTS IN THE HIGH SCHOOL SCHOOL GAMES (JOGUEM) OF UNIVATES/LAJEADO/RS/BRA

Abstract: This qualitative research describes a case study that analyzed the incentives and expectancies of two schools, a public (A) and a private (B), in regard to the participation of their students in the JOGUEM. The information was got through semi-structured interviews answered by the directive teams, Physical Education teachers, students of both schools, as well as news from newspapers and documents that ruled the competition. Both schools understand the event as an opportunity for socialization and hope that the students represent their schools well and have a good behavior (discipline), considering more the participation than the win in the games.

¹ Mestre em Ciência do Movimento Humano. Prof. do Curso de Educação Física do CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES.

² Acadêmicas do curso de Educação Física do CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

Key words: School Games; Competition; School; Physical Education.

1 INTRODUÇÃO

Vive-se um momento em que os jogos escolares, no caso, as competições esportivas, estão em plena expansão no Brasil. Incentivados por uma política do Ministério do Esporte (Brasil, 2004, 2005), eles se proliferam no país, em diferentes etapas e modalidades, com inclinação às olímpicas.

Está evidente o incentivo governamental a propostas de massificação do esporte, tais como o “Segundo Tempo”, que possibilita às crianças, em turno oposto ao que estão na aula, a prática de um esporte. Além disso, retomaram-se os Jogos Escolares Brasileiros, com eliminatórias municipais, após estaduais e, por último, em nível nacional, em Brasília, e, também, os Jogos Universitários.

Segundo Assis (2005), dois episódios mais recentes merecem destaque, por ter ou desejar ter relação com a escola e/ou com os escolares. O primeiro foi o lançamento do programa “Descoberta do Talento Esportivo”, em 2004, com o objetivo de “dar a oportunidade para a inserção, o desenvolvimento e o aprimoramento de jovens com talento esportivo, com a finalidade de aumentar e dar qualidade à base esportiva nacional para um melhor desempenho nos esportes de competição” (Assis, 2005, p. 3238). O outro episódio foi a implantação do programa Bolsa-Atleta. Este programa, que tem entre as diversas categorias a Bolsa-Atleta Estudantil, objetiva garantir manutenção pessoal mínima aos atletas de alto rendimento que não possuem patrocínio, para que possam se dedicar aos treinos e participar em competições. Além disso, buscou-se “investir prioritariamente nos esportes olímpicos e paraolímpicos, com o objetivo de formar, manter e renovar periodicamente gerações de atletas com potencial para representar o País nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos” (Assis, 2005, p. 3239).

Por outro lado, as escolas particulares investem no esporte de rendimento³, como forma de *marketing* institucional, e os clubes esportivos fazem do esporte um verdadeiro negócio ao buscarem formar novos talentos em suas escolinhas de base e lucrar com a venda de atletas, além de toda a publicidade que gira em torno dos jogos.

No atual cenário nacional surgem, em 2004, os Jogos Escolares do Ensino Médio (JOGUEM), uma competição em nível regional (Vale do Taquari/RS)

³ Conforme Bracht (2000, p. XVII), no esporte de rendimento “as ações são julgadas pelo seu resultado final, a performance esportiva mensurada/valorizada em função do código binário da vitória/derrota. Os meios empregados no treinamento, o próprio treinamento, tudo é medido pelo resultado final. A própria prática, o processo, a fruição do jogo não assumem importância significativa para o sistema”.

promovida pelo CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES e realizada, anualmente, no segundo semestre letivo, nos meses de outubro e dezembro, nas dependências da instituição fomentadora, na cidade de Lajeado/RS.

Os objetivos do JOGUEM são: aproximar as escolas de Ensino Médio da Univates por intermédio do esporte; possibilitar aos acadêmicos do curso de Educação Física atividades formativas na organização e co-participação no gerenciamento de eventos, arbitragem e organização de equipes; desenvolver os princípios que norteiam o esporte educacional (educação, integração, cooperação, socialização e participação) e proporcionar às escolas da região momento de competição e de integração de alunos e professores por meio do esporte (Regulamento Geral do JOGUEM, 2005).

O primeiro evento, em 2004, envolveu 32 escolas de Ensino Médio de dezoito municípios do Vale do Taquari e arredores. Participaram dos jogos 789 alunos, nas modalidades de futebol sete⁴ e voleibol, naipes masculino e feminino. Em 2005, o II JOGUEM contou com a participação de 41 escolas, representantes de 21 municípios. No total foram 1.140 alunos, nas modalidades de voleibol, futebol e basquetebol. Em 2006, mantiveram-se as mesmas modalidades e participaram do III JOGUEM 46 escolas, num total de 1.300 alunos.

Assim, pensando a proposta do JOGUEM, promovido pela UNIVATES, que é aberto a escolas de Ensino Médio de diferentes redes de ensino, pública ou privada, nos questionamos sobre: Quais motivos levam as escolas a participarem deste evento? Qual o incentivo que a escola/direção dá à participação dos alunos? As escolas vencedoras do JOGUEM investem no esporte de rendimento?

Assim, este estudo teve por objetivo identificar, analisar e buscar compreender os motivos que levam as escolas a participarem do JOGUEM, e quais foram os incentivos que as escolas deram aos alunos para que participassem do JOGUEM. Ele se justifica pela necessidade de analisarmos a influência do JOGUEM na rotina das escolas da Região do Vale do Taquari e a forma como elas o compreendem.

⁴ O FUTEBOL SETE também é conhecido como Futebol Social, Futebol Society, Futebol Suíço, Futebol de areia, dependendo da região onde é praticado. É atualmente jogado em todo o território nacional de forma oficial, uma vez que já existem Federações Estaduais em quase todos os estados do Brasil, e subordinadas oficialmente à Confederação Brasileira de Futebol Sete Society, sendo sempre jogado com sete atletas por equipe (<http://www.setesociety.com.br/historia.htm>).

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa qualitativa caracteriza-se como um estudo de casos. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e isso se refere a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, não podendo estes serem quantificados. O estudo de casos, por sua vez, conforme Gómez, Flores e Jiménez (1996), facilita a compreensão do pesquisador do fenômeno que se está investigando, pode descobrir novos significados, ampliar a experiência ou confirmar o que se sabe.

2.1 A escolha dos casos

Optou-se por investigar duas escolas. A escolha delas ocorreu de forma deliberada e intencional, pois de acordo com Gómez, Flores e Jiménez (1996), na pesquisa qualitativa as pessoas ou grupos não são selecionados ao acaso para completar uma amostragem de tamanho n , se escolhe uma a uma de acordo com a vontade do pesquisador, de maneira que atendam aos critérios ou atributos por ele estabelecidos.

Os critérios estabelecidos foram: uma escola da rede pública (estadual) e outra da rede particular; terem sido vencedoras em alguma das modalidades disputadas no JOGUEM em 2004 ou 2005; autorizarem a realização da pesquisa e representarem facilidade de acesso em relação ao deslocamento dos pesquisadores.

2.2 Os sujeitos investigados

As informações foram obtidas com as equipes diretivas das escolas; um professor de Educação Física ou técnico esportivo de cada escola (optando-se por aqueles que se envolveram na organização dos times, seleção dos alunos e/ou preparação técnica/tática das equipes esportivas para o JOGUEM) e quatro alunos que participaram do JOGUEM e das equipes vencedoras, dois alunos de cada escola, selecionados a partir do registro das inscrições do JOGUEM dos anos de 2004 e/ou 2005.

2.3 Técnicas de coleta de informações

As informações foram obtidas mediante a realização de entrevistas e análise de documentos (regulamento geral da competição e súmulas).

Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas, pois esta forma, de acordo com Triviños (1987, p. 146): “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de

interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Elas foram previamente agendadas e, quando consentidas, gravadas e transcritas. Após foram entregues aos informantes, para que pudessem lê-las e validar as informações.

Para a realização das entrevistas, fez-se uso do termo de consentimento livre e esclarecimento (TCLE), devidamente autorizado e aprovado pelo Comitê de Ética da UNIVATES. Este termo contém a autorização do informante para a realização da entrevista e garante o sigilo das informações fornecidas. Dessa forma, não se utiliza o nome de nenhuma pessoa ou das escolas ao apresentá-las. Usam-se os seguintes códigos para a escola da rede pública e seus sujeitos: escola “A”, equipe diretiva “A”, professor “A” e alunos “A1” e “A2”. Em contrapartida, a escola particular e seus sujeitos passaram a ser designados de: escola “B”, equipe diretiva “B”, professor “B”, e alunos “B1” e “B2”.

2.4 Análise das informações

A partir dos objetivos traçados foram elaboradas as categorias de análises, o que, segundo Minayo (1994), significa agrupar elementos, idéias e expressões em torno de um conceito com características comuns ou que se relacionam entre si.

Além disso, foi realizada a triangulação dos dados coletados pelos vários instrumentos (entrevistas e documentos) e referencial teórico, ou seja, as informações foram cruzadas com a finalidade de atenderem aos objetivos dos estudos. A triangulação das informações, conforme Triviños (1987, p. 138), “tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”.

3 OS MOTIVOS, INCENTIVOS E “EXPECTATIVAS” DAS ESCOLAS COM RELAÇÃO À PARTICIPAÇÃO NO JOGUEM

A escola “A”, pública/estadual, não oferece aos alunos clubes esportivos, não possui professor específico para essa função e nem ginásio esportivo próprio para realizar suas atividades, mas se organiza dentro das condições materiais e humanas que possui para participar dos jogos promovidos para escolares, tais como os Jogos Estudantis do Rio Grande do Sul (JERGS) e o JOGUEM. Neste, foi campeã em 2004 e 2005 na modalidade futebol sete.

A escola destacou algumas razões que a levou a participar do JOGUEM: por ser um evento próximo à escola, da região; por interesse dos alunos e sua relação com o vestibular; por terem sido convidados e porque são poucas as oportunidades, no

âmbito educacional, que alunos desta faixa etária possuem para competirem e representarem a escola.

Essas justificativas estão presentes nas falas da equipe diretiva e do professor:

...por ser mais um evento e perto da cidade” (equipe diretiva A, 02/08/2006).

Como muitos deles já fizeram parte das equipes da escola e não participam mais em razão da idade, pediram para jogar. Com isso ganham a inscrição do vestibular e ainda conseguem representar a escola mais uma vez (professor A, 02/08/2006).

Eles adoram pela gratuidade na inscrição do vestibular (equipe diretiva A, 02/08/2006).

Em relação às oportunidades para a prática esportiva, Assis (2005), ao analisar as políticas públicas brasileira, salienta o incentivo do governo a projetos como o “Segundo Tempo”. No entanto, neste o público-alvo concentra-se nos alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas.

Também, no regulamento dos Jogos Estudantis do Rio Grande do Sul (JERGS) evidenciamos que, em 2006, foram desenvolvidas nas seguintes categorias: mirim, nascidos em 1994, 1995 e 1996; infantil, nascidos em 1992 e 1993, e juvenil, nascidos em 1989, 1990 e 1991 (Rio, 2006). Com isso, percebe-se que apenas uma parcela dos alunos do Ensino Médio, devido à idade, pode participar desse evento.

A equipe diretiva ainda salienta um sentimento de valorização pelos alunos da escola em que estudam. Inclusive comenta que tem alunos que possuem condições de pagar por ensino particular e optam por estudar nela. Nesse contexto, o esporte surge como forma de demonstrarem que a escola na qual estudam possui boa qualidade: “Os alunos das escolas estaduais ‘morrem’ frente uma quadra. Eles vão porque querem mesmo. Até eu acho que eles sentem essa necessidade de provar que somos de uma escola pública e temos nossos valores” (equipe diretiva A, 02/08/2006).

É importante destacar que o esporte possibilita dar visibilidade à instituição e ao trabalho dos professores. Silva e Molina (2005, p. 2247) constataram um direcionamento dos conteúdos da Educação Física para o esporte em função dos Jogos Estudantis Municipais de Guaíba/RS. Alegam que os Jogos Municipais, que acontecem semestralmente no município, “constituem o grande ‘cartão postal’ do fazer pedagógico da educação física municipal, evidenciado também no tempo que é destinado para seu planejamento nas reuniões”.

Em relação à participação no JOGUEM, a orientação da equipe diretiva “A” aos alunos tem sido:

Que façam bonito. Que joguem de forma honesta e leal. A gente sempre tem os professores naquela pilha toda. Mas que sempre mantenham a calma, para realmente fazer valer o que é o espírito do esporte. Se ganhar, ótimo. Com esse espírito de representar bem a escola, principalmente na questão disciplinar, é isso que nos interessa. Com garra, mas de forma leal (equipe diretiva A, 02/08/2006)

A valorização da participação, e não dos resultados finais, com preocupação com a disciplina, também é salientado pelo professor:

Eu sempre digo assim para eles: 'Gente, vamos participar. O que vier é lucro'. Mas, agora, se a gente joga legal, mostra que sabe jogar, que somos disciplinados, é o que conta para mim, mas eles querem ganhar. A gente não consegue fazer diferente com eles. É gurizada. Mas a escola em si não cobra resultados. E mesmo quando eles vêm com um segundo ou terceiro lugar, ou nenhum, a diretora chama eles aqui e dá um bombomzinho para cada um. Agradece a participação, por ter representado a escola (professor A - 02/08/2006).

Em relação à questão disciplinar, presente na fala da equipe diretiva e na do professor de Educação Física, é possível relacioná-la com o estudo feito por Ferreira (2003) com professores desta disciplina de três escolas de Ensino Médio (5.^a a 8.^a séries) do Rio de Janeiro. O autor destaca que é no lugar/escola que o professor fala de si, de seus desejos, resistências e este lugar é constitutivo do que eles são enquanto atores. Ao analisar a fala dos professores, comenta: "Pensar que os jogos são meios próprios de socialização significa dizer que as práticas que eles desenvolvem devem remeter a interesses das crianças, mas também aos valores que desejamos que sejam internalizados" (Ferreira, 2003, p. 152).

Dessa forma, para Ferreira (2003), a figura do professor aproxima-se à do pai, da lei, e este professor acredita no uso do jogo como sendo importante para "colocar rédeas nas crianças, limites, disciplina", com poder de expulsar/punir aqueles que burlarem as regras.

Além da questão disciplinar, percebe-se que os alunos da escola "A" vão ao JOGUEM com o intuito de serem vitoriosos, mesmo questionando a própria capacidade de serem campeões. A fala abaixo, do aluno A2, permite essa análise: "*Nós queríamos buscar o melhor resultado, mas não estávamos pensando em ser campeões, porque nós achávamos que tivesse times melhores que a gente*" (aluno A2, 25/09/2006).

A escola "A" busca incentivar seus alunos a participar do JOGUEM auxiliando com transporte, acompanhamento de um professor aos jogos e na organização das equipes, e valorizando os resultados que conseguem.

Em relação ao transporte, percebe-se pela fala do professor que a escola auxilia, mas que os alunos também contribuem financeiramente: “...tem a questão de ônibus. Aí a gente dá uma choradinha para direção, na parte do financeiro, e então a escola paga a metade, e os alunos, a outra metade” (professor A, 02/08/2006).

Pelos relatos do professor, na medida em que os resultados positivos foram aparecendo facilitaram a participação nos anos seguintes. Comenta que no início tinha-se que se negociar o ônibus, a ausência dos alunos neste período nas aulas era preocupante, mas, hoje, o JOGUEM faz parte do calendário escolar. A passagem abaixo reflete esse processo de evolução: “Aí chegamos com o primeiro troféu, e depois o segundo troféu. O diretor tem aqui o troféu, na sala dele. E agora já é automático, já está no calendário da escola” (entrevista, 02/08/06).

Outro incentivo é a disponibilidade de um professor para acompanhar os alunos, uma vez que não há professor ou técnico com horas específicas para tal atividade. A equipe diretiva comenta: “Da parte dos professores, a disponibilidade deles de levarem. Porque parte dos professores de EF, eles selecionam, acompanham e levam para frente” (entrevista, 02/08/2006).

Dessa forma, o envolvimento parte do interesse do professor que considera importante oportunizar aos alunos essa participação:

Como é uma escola estadual, não temos este horário na carga do professor. Fazemos porque gostamos e os alunos pedem... É sempre na boa vontade de todos (professor A - 02/08/2006).

Eles se organizam e a gente acompanha para dar uma força a eles (professor A - 02/08/2006).

Lucero e Lovisolo (2006), ao analisarem as discussões acadêmicas da Educação Física escolar, entre elas os artigos fruto do debate promovido pela Revista Movimento, cujo tema tratou da competição no contexto escolar, destacam que, apesar de haver associação do esporte rendimento com o esporte praticado na escola, discordam de autores que fazem esta transposição direta. Comentam que:

De fato, as condições e o tempo semanal destinado às aulas de educação física impossibilitam realizar seriamente o treinamento esportivo. O treinamento requer um grupo selecionado, motivado, e com capacidades físicas em níveis semelhantes, coisa que nunca vamos encontrar em uma sala de aula. A intensidade, o volume, a cobrança e as expectativas sobre um grupo de alto nível em nenhum momento se assemelham à nossa realidade escolar; portanto, sessões de treinamento de alto nível na aula de educação física não podem existir. Teriam que ser criados horários alternativos de

treinamento para grupos selecionados. Contudo, a competição escolar é um recurso de animação (LUCERO; LOVISOLO, 2006, p. 07).

A escola “B”, particular/confessional, diferentemente da escola “A”, opta por oferecer treinamento em algumas modalidades, tais como: voleibol, futsal, basquetebol e patinação. Possui ginásio esportivo e um professor/técnico específico para organizar as equipes e conduzir os treinos, e a escola participa de competições, tais como: Troféu Lajeado de Voleibol, Campeonato Piá, Jogos Escolares de Lajeado, Jogos da ECOVAT (jogos das escolas particulares do Vale do Taquari) e JOGUEM. Neste, foi vencedora, em 2004, na modalidade de voleibol.

A equipe diretiva destaca que a decisão de participar ou não do JOGUEM centra-se no professor/técnico responsável: “*Quem deve ter decidido foi ele mesmo, né, a participar por achar válido, por achar interessante*” (entrevista, 16/08/06).

Em relação à preparação para os jogos, a equipe diretiva comenta:

...pela filosofia da escola, que é uma filosofia mais, assim, humanizada, mais dentro da linha libertadora, esta questão mais da igualdade, da não exclusão, eu percebo também, que nos treinos não se intensifica, não se marca muito esta questão da competição, se aceita todos que queiram treinar, claro que na hora de jogar, obviamente que, quando for para ganhar, têm alguns que irão ficar no banco de reservas” (entrevista, 16/08/2006).

O professor responsável pela equipe destaca como objetivo da participação no JOGUEM: “*O objetivo maior nosso é a socialização, oportunizar momentos de lazer, para conhecer novas pessoas*” (entrevista, 25/06/06).

Bracht. (2003), ao discutir a legitimidade da Educação Física na escola, encontraram a socialização como forte argumento, em estudo que realizaram com grupo de professores de Educação Física do ES/BRA. Apontam que geralmente a socialização vem acoplada ao ensino do esporte, como forma de incorporar valores, disciplina e ajuste social.

Encontramos a socialização, tanto na escola “A” como na “B”, como um dos principais objetivos utilizados pelos professores de Educação Física em relação à participação no JOGUEM. Assim, eles vêem no evento espaço de concretização desse propósito.

O professor da escola “B” acrescenta que:

Nós tivemos a felicidade de na primeira etapa sermos o campeão do vôlei e o objetivo maior para nós, como escola, é a questão de integração mesmo. Claro que existe a questão da competição, e não pode ser descartada. Mas nós participamos em função de proporcionar esse momento para eles. E, indiferente, se não der um resultado positivo, não altera nosso trabalho. Os alunos gostam. Acho bem positivo” (professor B, 25/06/06).

As expectativas da equipe diretiva também abrangem a questão da conduta dos alunos nos jogos. Como incentivo a escola oferece horários para os treinos. O professor comenta:

A escola tem ajudado bastante, em todos os sentidos, em horários. Está sempre aberta. Gosta, porém sempre como filosofia de escola, visando à formação do ser. A escola dá suporte técnico com materiais, com horários, com professores, outros itens a escola propicia. Estou há doze anos aqui e nunca me lembro de ter sido cobrado algum resultado, mas sempre nos cobra se acabou tudo bem. Claro que algumas vezes acontecem alguns problemas extra-quadra, mas tudo faz parte da socialização dele” (entrevista, 25/06/06).

Por fim, os alunos destacam o apoio que recebem da escola em relação à preparação para os jogos escolares e a valorização que é dada aos resultados obtidos: “A escola oferece futebol, vôlei e basquete” (aluno B2, 01/09/06).

Lá na nossa escola assim o apoio no esporte já não é muito grande. Agora tá melhorando. E aí quando nós ganhamos, por exemplo, o título e tal, foi assim uma gratificação, como vou dizer, uma gratificação não, uma homenagem é... Na caixa que eles falam no microfone e tal, que tem em todas as salas. E tiramos uma foto, eu acho, não sei, se chegou a sair no jornal, assim e tal. Mas é foi isso aí. Quem conhece o cara e tal até falou bah! Fera, tu saiu no jornal. Oh! te vi e tal, parabéns... Dentro na escola, assim. Mais que isso não...” (aluno B1, 22/09/06).

4 CONCLUSÃO

Ambas escolas “A e B” participam de competições externas, mas salientam que há uma diminuição de organização de eventos para os alunos do Ensino Médio em função da idade deles. Assim, apesar de a participação no JOGUEM mexer com questões de horários dos professores, de haver preocupação com a falta dos alunos nas aulas e da necessidade de recursos financeiros, considera-se positivo o evento. Há interesse dos alunos em participar, que é influenciado pela questão da gratuidade da inscrição no vestibular, mas, também, como possibilidade de representarem a escola em que estudam.

A escola privada vê o JOGUEM como espaço para os alunos que participam das escolinhas de treinamento poderem “exercitar” o esporte. O treinamento ocorre o ano todo, mas é uma opção dos alunos participarem dele. Esta separação, aula de Educação Física – treinamento, evita sobreposição de objetivos, e, com isso, diferenciam-se os espaços e intenções, apesar de o professor e de o treinador ser a mesma pessoa.

A escola pública não possui um professor/técnico específico para trabalhar com treinamento esportivo. Mas busca, dentro das suas possibilidades, estruturar as equipes que irão participar das competições dentro da diversidade de horários dos alunos e da dificuldade de disponibilidade de tempo e espaço físico, pois não possui ginásio de esporte próprio. Essas equipes treinam esporadicamente, principalmente quando se aproxima o período dos jogos. Os horários não coincidem com os da Educação Física. Inclusive os alunos são de diferentes turmas e séries.

Ao analisarmos, no entanto o fato de ambas escolas terem sido vencedoras no JOGUEM, percebe-se que os resultados não são fruto do acaso. Eles são consequência do desejo dos alunos de vencer, do treinamento prévio e da constituição das equipes a partir da seleção que adota como critério, também, a habilidade técnica. A escola privada investe no treinamento e os alunos que participam desta são priorizados no momento da formação das equipes. Na escola pública há entre os alunos que compõem as equipes alguns que participam de equipes fora da escola, em clubes esportivos da região. Ambas escolas atribuem os bons resultados aos esforços do grupo e ao treinamento. Contudo, a preocupação central das escolas recai na socialização, com forte preocupação com a conduta dos alunos nos jogos por estarem representando-as.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, S. de O. Considerações sobre as políticas públicas de esporte escolar no Brasil do século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 14., 2005. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ESEF/UFRGS/RS, 2005, p. 3234-3244.

BRACHT, V et al. **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: Unijuí. 2003.

BRACHT, V. Esporte da escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**. Ano 6. n.º 12, p. 14-24, 2000.

BRASIL. **1.ª Conferência nacional do esporte**. Brasília: Ministério do esporte. 2004.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL SETE/SOCIETY. **O futebol sete. Suas Origens e sua história**. Disponível em: <http://www.setesociety.com.br/historia.htm>. Acesso em 24 de maio de 2007.

FERREIRA, N. T. Os jogos escolares no imaginário de professores de Educação Física. In.: FERREIRA, N. T. e COSTA, V. L. **Esporte, jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro: Shape, 2003. 147-175.

GÓMEZ, G. R.; FLORES, J. G. & JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la Investigación cualitativa**. Maracena, Granada: Ediciones Aljibe, 1996.

LUCERO, F. e LOVISOLO, H. **Educação Física Escolar** : esporte, competição e talento. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd92/efesc.htm>> Acesso em: 11 de dezembro de 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Olimpíadas escolares**. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.Br/snee/jeps/historico.jsp>> Acesso em: 22 dez. 2005.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **JERGS – Jogos Escolares do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/jergs.jsp?ACAO=acao4>. Acesso em: 18 dez. 2006.

SILVA, L. O.; MOLINA, R. M. Jogos estudantis das escolas municipais: possíveis relações coma construção da identidade do professor de educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1. 2005. Porto Alegre. **Anais... ESEF/UFRGS/RS.**

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.

UNIVATES – Centro Universitário. **Regulamento Geral do JOQUEM** . Lajeado, 2005.

Endereço: Endereço para correspondência: derlijul@univates.br. Fone: (51) 3714 7000.
Endereço: Rua Avelino Tallini, 171, Bairro Universitário. Lajeado/RS/BR. 95.900 – 000.

